

Ter, 16 de Setembro de 2014.
05:26:00.

FOLHA DE SÃO PAULO | OPINIÃO
ANCINE | MANOEL RANGEL

TENDÊNCIAS/DEBATES - O assunto é: Produção de cinema no país

Manoel Rangel

TENDÊNCIAS/DEBATES

O assunto é: Produção de cinema no país
O **Brasil de todas as telas**

A **Ancine** e o MinC respeitam a diversidade dos nossos realizadores e produtores, assim como a liberdade de escolha dos brasileiros

O setor audiovisual brasileiro cresceu a uma taxa média anual de 9,3% nos últimos anos. Essa média, muito acima do crescimento geral da economia, esteve lastreada na elevação da renda e entrada de 40 milhões de brasileiros na classe C e na capacidade empreendedora das empresas e dos profissionais do setor.

Essa taxa é sustentada por uma política pública vigorosa, que adotou medidas regulatórias e de fomento ao desenvolvimento do audiovisual no Brasil, com destaque para a Lei da TV Paga, o programa **Cinema Perto de Você** e o Fundo Setorial do **Audiovisual**.

Os números evidenciam o bom momento. Saltamos de 3,55 milhões de assinantes de TV em 2002, ano da implantação da **Ancine (Agência Nacional do Cinema)**, para 19,1 milhões, em julho de 2014. Crescemos de 1.635 salas de cinema, em 2002, para 2.800, em agosto de 2014, e de 91 milhões de ingressos vendidos, em 2002, para 150 milhões, em 2013.

A televisão aberta manteve a sua força e avança na digitalização, atualizando o seu arranjo e posicionando-se para o futuro. Segundo dados da Anatel, a banda larga saltou de 2 milhões de acessos, em 2002, para 165,5 milhões, em julho de 2014, abrindo caminho para o serviço de vídeo por demanda crescer.

O crescimento geral do setor não traria impacto tão profundo para o país se não tivesse sido acompanhado pelo protagonismo da produção brasileira e das empresas nacionais. Em 2002, 29 filmes brasileiros foram exibidos no cinema, com uma participação de apenas 8% nas bilheterias. Em 2013, alcançamos a marca de 129 filmes lançados e 18,6% de participação nos ingressos.

Na **TV paga**, onde o Brasil era estrangeiro em sua própria casa, nossos filmes e séries ocupam hoje o horário nobre de 110 canais. Em 2013, 3.205 obras brasileiras foram licenciadas para esse serviço.

Ainda em desenvolvimento, esse ambiente marca a consolidação da **Política** Nacional de Cinema e **Audiovisual** como política de Estado. Ela busca enfrentar os desafios

econômicos, culturais e sociais para fazer do Brasil um grande centro produtor e programador de conteúdos audiovisuais brasileiros, almejando tornar o país a quinta maior economia audiovisual do mundo.

Esse objetivo, consagrado no Plano de Diretrizes e Metas, aprovado em 2012, foi pactuado pelo governo federal e por 18 representantes de todas as áreas do setor reunidos no Conselho Superior do Cinema.

Essa política posiciona o Estado como regulador do mercado e indutor do desenvolvimento. Mantém o empreendedorismo inteiramente nas mãos dos nossos profissionais e talentos e das empresas do setor.

Não é o governo que constrói salas, que opera a **TV paga**, que diz quais obras audiovisuais devem ser feitas ou como devem ser produzidas. A **Ancine** e o Ministério da Cultura, ao contrário, respeitam e estimulam a diversidade e a pluralidade dos nossos realizadores e produtores, assim como a liberdade de escolha dos brasileiros.

Há ainda muitos desafios pela frente. É preciso ajustar o marco regulatório para os serviços de vídeo sob demanda, reequilibrar relações de distribuição e exibição decorrentes da digitalização dos cinemas e aprofundar os laços das TVs com a produção independente. É preciso ainda enfrentar a secular tradição burocrática do Brasil e tornar os processos mais simples e ágeis.

O programa Brasil de Todas as Telas foi lançado para consolidar esse quadro e avançar no desenvolvimento do audiovisual. Estamos investindo R\$ 1,2 bilhão para perseguir as metas pactuadas. Há no mundo uma enorme curiosidade pelo que o nosso modo de criar e viver pode oferecer. O audiovisual feito aqui, com todos os olhares e sotaques brasileiros, olha o presente com confiança e tem muito a contribuir para o futuro do nosso país.

MANOEL RANGEL, 43, cineasta, é diretor-presidente da **Ancine - Agência Nacional do Cinema**

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.
debates@uol.com.br - www.folha.com/tendencias